



Artigo

"UMA FLOR NASCEU NA RUA": a experiência extensionista do Coletivo de Educação Popular Flor de Maio em Hortolândia-SP

Felipe dos Santos Carvalho ¹

Carolina de Roig Catini - <https://orcid.org/0000-0001-5568-9974> ²

Kéthelyn da Silva Lopes ³

Vinicius Ariel Beneducci Oliveira - <https://orcid.org/0009-0002-4238-0315> ⁴

Ana Elisa Volpato Ortolano - <https://orcid.org/0000-0001-6398-1588> ⁵

Ian Gabriel Couto Schlindwein ⁶

Diogo Valmor Pereira ⁷

¹ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil f237241@dac.unicamp.br

² Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil ccatini@unicamp.br

³ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil k200652@dac.unicamp.br

⁴ Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil vini_ariel1999@hotmail.com

⁵ Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil anaelisa.volpatoort@gmail.com

⁶ Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil iangabrielcs@hotmail.com

⁷ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil diogovalmorp@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é uma breve apresentação e sistematização de experiências do Coletivo de Educação Popular Flor de Maio, especialmente as que correspondem a sua atuação como cursinho pré-vestibular popular entre 2015 e 2019, período em que esteve vinculado ao Projetos de Extensão Comunitária (PEC) da Universidade Estadual de Campinas. Na Introdução, expomos brevemente a importância da relação entre o contexto histórico-social de formação do coletivo, o território onde atua - a cidade de Hortolândia, na região metropolitana de Campinas - e a construção de nossa prática político pedagógica. Em seguida, discorremos sobre as duas categorias basilares desta prática: a Educação Popular e a autogestão, distanciando o nosso uso destes termos de sentidos surrupiados e moldados por lógicas de mercado. Logo, descrevemos as atividades realizadas graças aos recursos disponibilizados - desde o suprimento das necessidades básicas que possibilitam a permanência de educandos e educadores, excursões e abertura de novas turmas. Por fim, refletimos acerca da construção de extensão enquanto processo de comunicação voltada para a prática da liberdade e de democratização universitária.

PALAVRAS-CHAVE

Educação popular. Extensão universitária. Autogestão. Pré-vestibular.

“A FLOWER BLOOMED IN THE STREET”:**Coletivo Popular Flor de Maio’s extensionist experience in Hortolândia-SP****ABSTRACT**

The present article is a brief presentation and systematization of Coletivo de Educação Popular Flor de Maio’s experiences, particularly those corresponding to its practice as a Popular Preparation Course for University Admission between 2015 and 2019, a period in which it was supported by the Community Extension Projects (PEC) of the State University of Campinas. In the introduction, we concisely expose the importance of the relationship between the historical and social context of our collective’s formation, the territory where it operates - the city of Hortolândia, located in the metropolitan region of Campinas - and the composition of our political pedagogical practice. Then, we ran through the two basic categories of this practice: Popular Education and self-organization, separating our use of these terms from stolen and shaped meanings by the business logic. After that, we describe the activities that were made possible thanks to the resources received from the University - from the providing of students and educators’ basic needs for maintenance, to excursions and the opening of new classes. Conclusively, we reflect on the construction of the University Extension Program as a communication process that seeks freedom practices and the University democratization.

KEYWORDS

Popular education. University extension programs. Self-organization. Preparation course for university admission.

Submetido em: 27/09/2023 – **Aprovado em:** 26/12/2023 – **Publicado em:** 28/12/2023

1 INTRODUÇÃO

“É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”
Carlos Drummond de Andrade¹

Localizado na cidade paulista de Hortolândia, o Coletivo de Educação Popular Flor de Maio foi criado em 2013 para atuar como cursinho pré-vestibular popular, visando a democratização do acesso à universidade pública, gratuita e de qualidade. A longo prazo, o coletivo se insere em um movimento de construção de um sistema educacional comunitário, fundamentado em um ensino emancipador e parte de um processo de acúmulo e de realização de um poder popular. O seu princípio ético se baseia no respeito às diversidades étnicas, de gênero, sexuais, religiosas e de pensamento.

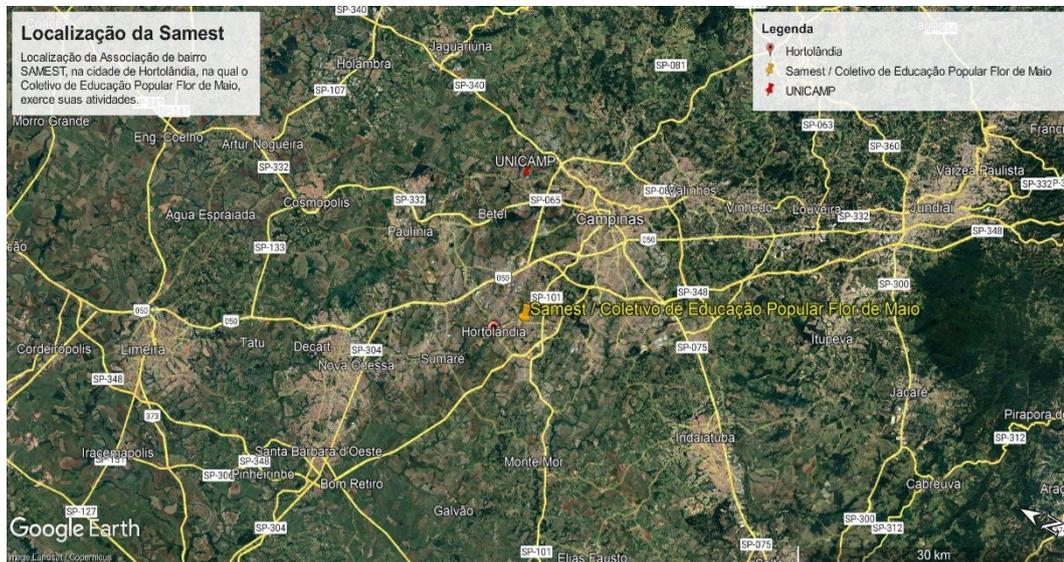
O seu território de atuação é a cidade Hortolândia, localizada na Região Metropolitana de Campinas (RMC), emancipada de Sumaré em 1991 e com uma população estimada de 237 mil pessoas (IBGE, 2022). A cidade possui características de cidade-dormitório - dado o fluxo diário² contínuo e a dependência estrutural em relação a Campinas. Contraditoriamente, se configura também como um polo industrial do interior paulista e como uma das 100 cidades de maior PIB do Brasil, acarretando em problemas graves como o crescimento urbano descontrolado e o alto índice de violência (PORTO & SCINOCCA, 1999; LOPES, 2015).

¹ Trecho de *A flor e a náusea*, em seu livro *A Rosa do Povo* (ANDRADE, p. 17).

² Segundo exposto por Silvio Anunciação (2013) em entrevista com o demógrafo José Marcos da Cunha, cerca de 40% da população de Hortolândia realizava, na época, esse movimento pendular todos os dias, grande parte em transporte público-privatizado precário. Ao mesmo tempo que profissionais mais qualificados em termos de formação e moradores de Campinas, Valinhos ou Vinhedo trabalham em empresas instaladas em Hortolândia, a população de baixa renda desta cidade se desloca diariamente para trabalhar em Campinas.

Atualmente, possui o IDH mais baixo de todas as cidades de mesmo ou maior porte da região metropolitana³ (IBGE, 2022). Tal cenário se reflete no sistema educacional público da cidade e, consequentemente, no acesso de sua juventude aos espaços culturais e ao Ensino Superior.

Figura 1. Mapa da localização de Hortolândia e mais especificamente da Samest na RMC, com destaque para a localização da Unicamp.



Fonte: Google Earth

Esta situação singular, aliada à escassez de espaços de educação e de cultura na cidade, foi determinante para a constituição do Cursinho Popular Flor de Maio, fruto do contexto de mobilização das Jornadas de Junho de 2013 e dos estudantes hortolandenses da Unicamp, que não se viam representados na universidade. Decidiram em conjunto com estudantes vindos de regiões periféricas de outras cidades e com professores da rede pública, fundarem o projeto que iniciou suas atividades em 2014, em uma sala do antigo Centro de Arte de Cultura de Hortolândia (CAC)⁴, localizado no Parque Socioambiental Irmã Dorothy Stang, no Jardim Nossa Senhora de Fátima, próximo à divisa com Campinas.

Apesar da grande tradição de cursinhos populares na cidade de Campinas, tanto em 2014 quanto atualmente em 2023, o Flor de Maio é a única⁵ organização desse tipo que atua na preparação para o

³ Dada toda Região Metropolitana de Campinas, Hortolândia apresenta índices melhores apenas se comparado com alguns municípios com menos de 70 mil habitantes. Possui um índice próximo apenas à vizinha Sumaré, ambas com grande contraste com relação a cidades como Valinhos, Vinhedo, Americana, Campinas e Paulínia (IBGE, 2022). Empiricamente é fácil perceber tanto Hortolândia como Sumaré enquanto grandes periferias da parte mais oeste da RMC, apesar - ou por isso mesmo - do aumento do número de condomínios de luxo nessa área.

⁴ Desde 2009, no local eram desenvolvidas dezenas de atividades abertas à comunidade e organizadas pela Comissão Organizadora do CAC, majoritariamente formada pelo Coletivo de Educação Popular Jacuba, em acordo com a prefeitura, que propiciava a estrutura física. Em 2017, de forma truculenta, houve a reintegração de posse do espaço, com a expulsão do coletivo e com o fim de todas as atividades, apesar da campanha contrária à ação da prefeitura organizada junto com moradores do bairro e movimentos populares da região (TV HORTOLÂNDIA, 2017; ESQUERDA DIÁRIO, 2017).

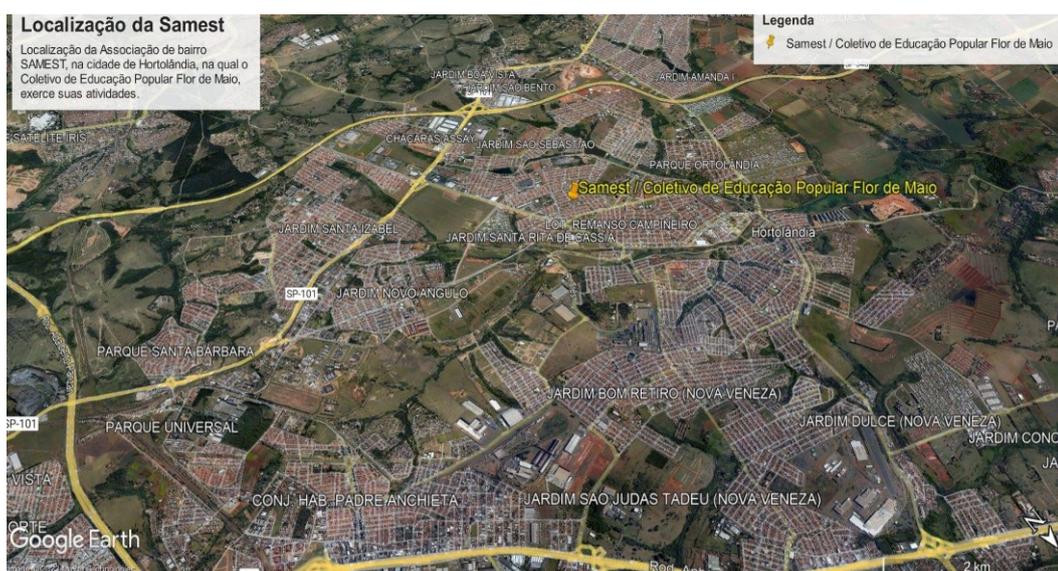
⁵ Outras experiências nesse meio tempo tiveram curta existência, com destaque para o Cursinho Popular João de Barro, que atuou no Jd. Amanda por 2 anos.

vestibular em Hortolândia. Tal dado escancara que, apesar de serem geograficamente próximas do distrito de Barão Geraldo, essas cidades se encontram separadas por um muro simbólico, agravado pela pouca integração do transporte intermunicipal privatizado e deficitário, produzindo dificuldades de acesso aos espaços de cultura, de ensino e à Unicamp em particular.

No decorrer do ano de 2015, o coletivo começou a atuar paralelamente na Vila União - bairro populoso e originado por processos de ocupação de terra nos anos 1980 - que fica na região sudoeste de Campinas. No local do antigo centro comunitário e, depois, gráfica popular Maloca⁶, iniciamos um projeto de restauração e (re)ocupação do enorme espaço: através de mutirões, abertura de EJA e com rodas de conversa temáticas chamadas de *Café com Carolina*, nome dado em homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus. Com o grande crescimento das atividades no espaço neste mesmo ano e, ainda, devido à distância entre a Vila União e Hortolândia⁷, parte do coletivo que atuava em Campinas contribuiu para a construção da Maloca Arte e Cultura enquanto movimento político que atua de forma independente do Flor desde então.

No início de 2016, as atividades do cursinho popular mudaram do CAC para a associação de bairro Samest (Sociedade Amigos Dos Bairros, Parque Santo André, Jardim Santa Amélia e Jardim Everest), atual endereço do coletivo.

Figura 2. Mapa da localização da Samest no município de Hortolândia



Fonte: Google Earth

Em 2018, o nome inicial de *Cursinho Popular* foi alterado para *Coletivo de Educação Popular*, refletindo a ampliação das frentes de atuação. É preciso ressaltar, entretanto, que o coletivo já realizava outras atividades para além do pré-vestibular, como o oferecimento de cursos de línguas estrangeiras⁸. Deste

⁶ Ligada originalmente ao Cursinho Alternativo Herbert de Souza, na qual era impresso o material didático *Malungo*, feito especialmente para contextos de cursinhos alternativos e populares (VARANI, 2015).

⁷ Novamente, não só em quilometragem, mas principalmente no que diz respeito ao sucateado transporte coletivo privatizado de toda região metropolitana.

⁸ Durante essa última década o Flor de Maio já trabalhou com cursos de alemão, francês, inglês e espanhol. Estas últimas também já integraram o quadro de aulas do cursinho, tendo sido retiradas posteriormente devido a avaliação de que o tempo dedicado a elas naquele formato era pouco proveitoso por ser muito curto.

ano para cá eles trabalharam com cursos livres - de História da África; e de Espanhol e Cultura Latinoamericana -, processos formativos internos, organização de festas comunitárias e uma crescente parceria com outras organizações políticas e culturais da cidade. Também passaram a integrar a diretoria da Samest, juntamente com moradores dos bairros próximos e outros grupos que realizam atividades regulares na associação. Neste espaço o coletivo conseguiu ampliar seu leque de atuação, sendo eles atualmente: (a) CineFlor; (b) Clube de leitura; (c) GAP - Grupos de Astronomia Popular; (d) Horta comunitária D. Lourdes; (e) Biblioteca comunitária Maria Carolina de Jesus; e (f) o *Memórias das Ditaduras*.

(a) Nos cine-debates, chamados de CineFlor, são exibidos filmes na quadra da associação de bairro, seguido por uma roda de conversa. Os filmes são escolhidos por votação presencial ou pelas redes sociais do coletivo. (b) No Clube de Leitura, a partir de obras selecionadas de acordo com o interesse dos integrantes, ocorrem debates coletivos sobre a percepção de cada um acerca da leitura. (c) O GAP atua no campo da divulgação científica e vem realizando formações sobre astronomia nas escolas da região de Hortolândia, além de observações astronômicas em praça pública com o auxílio de um telescópio. (d) A horta Dona Lourdes trata-se de uma horta comunitária que busca levantar o debate acerca da segurança alimentar. A ideia visa aproximar as pessoas da vizinhança através do cultivo, promovendo conversas sobre o tema e incentivando os plantios pelos próprios moradores. O nome é em homenagem a uma moradora do bairro, que atua há anos na Samest, participando de várias diretorias. (e) A biblioteca comunitária Maria Carolina de Jesus foi desenvolvida com o intuito de atender a demanda dos educandos do coletivo e da comunidade do entorno em encontrar livros e obras escassas nas bibliotecas da cidade. (f) O projeto *Memórias das Ditaduras* trabalha com o resgate e a divulgação de depoimentos e testemunhos de militantes que combateram movimentos ditatoriais na América do Sul na segunda metade do século XX, focando especialmente no caso brasileiro. O projeto foi iniciado com grande apoio da Dona Neves, presidenta e vizinha da Samest quando nos mudamos em 2016 e militante ativa em organizações clandestinas dos anos 1970 e 1980. Até o momento de escrita deste artigo, já realizamos algumas entrevistas, que estão em fase de revisão, e publicamos a com militante chilena Marisol Vega⁹, neta de detido desaparecido, filiada ao Partido Comunista do Chile por cerca de 30 anos e parte da Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos.

2 MÉTODO

Tanto a apresentação das experiências do Flor de Maio para o 4º Congresso de Extensão e Cultura da Unicamp (nov. 2022), como a escrita do presente artigo, se constituíram como importantes oportunidades de sistematização¹⁰ das discussões e atuações do coletivo nos últimos dez anos, particularmente no que tange às relações com a universidade. Na nossa perspectiva, isso não é pouco, tendo em vista a grande dificuldade de sistematização que historicamente os movimentos de Educação Popular enfrentam. Há

⁹ É possível acessar a entrevista através da plataforma do *Repórter Popular* (VEGA, 2022).

¹⁰ Evidente que não completa, devido ao limite de palavras imposto, que acarreta na impossibilidade de abarcar todo o conjunto de experiências importantes para esta trajetória.

grandes obstáculos cotidianos para esses processos: a falta de tempo; a sobrecarga de trabalho; o constante senso de urgência e imediatismo típico dos nossos tempos; e a dificuldades de alinhar metodologias e perspectivas políticas devido à frequente mudança na composição do coletivo. Ressaltamos, porém, que o ato de sistematizar costuma ser duro por ser também um momento de autocrítica do trabalho da organização e de quem faz parte dela (TORRES, 1988).

Entendemos o processo de *sistematização* como um momento e uma forma de forjar uma interpretação e organização de nossas experiências coletivas, levando em conta não só a nossa prática cotidiana e as relações e dinâmicas internas, mas também as analisando em diálogo com organizações externas, tal como nosso território específico, materiais formativos, outros movimentos da região e conjunturas nacional e internacional. Assim, esse processo de formulação teórica - com estreita relação com a prática e formada de diferentes acúmulos - se consolida como uma bússola para ação, possibilitando a ampliação e recriação de perspectivas. É um empenho vindo do campo da Educação Popular a fim de evitar um empirismo na base do *freestyle* (com grandes chances de ser acrítico) ou então de se perder em um mero debate conceitual, frio e preocupado apenas em vencer batalhas academicistas (JARA, 1984; 1994). Para se vincular a uma forma de educação que tem o diálogo, a pergunta e a horizontalidade como utopia, a sistematização não pode ser elaborada ou compartilhada apenas por um pequeno grupo interno (apesar da dificuldade em realizar isto de forma plena, tendo em vista que o coletivo é composto por dezenas de educadores).

2.1 Educação Popular

Entendemos como Educação Popular aquela que se realiza *desde* e *com* o povo, a partir dos movimentos sociais e populares, e não tendo as categorias “educadores” e “educandos” mecanicamente fixas, de modo que todos possam ocupá-las, simultaneamente ou em momentos diferentes. Trata-se de uma *práxis* educativa que estimula o diálogo, uma verdadeira e profunda democracia, a solidariedade, a dignidade, a criatividade, a pergunta, a troca e a produção coletiva de saberes e experiências, valorizando diferentes expressões de cultura e de ciência. A Educação Popular é, então, a pedagogia da organização popular em prol de um projeto emancipador construído desde abaixo. Não se trata apenas de um discurso ou um conjunto de técnicas, mas de um fazer ético e político que se contrapõem às educações patronais, populistas, assistencialistas¹¹, clientelistas, opressoras e autoritárias, incluindo as atualmente hegemônicas no interior do sistema escolar oficial. Devemos ter muito cuidado para que nossas discussões e atuações não caiam em usos rasos e despolitizados deste termo e que não reproduzam e atualizem explorações, opressões e violências. Ou seja, o seu espaço de ação não é *apenas* onde a indignação, a rebeldia, a raiva e as esperanças por transformações profundas encontram um lugar, mas principalmente onde podem ser (re)traçados

¹¹ “O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não oferece condições especiais para o desenvolvimento a “abertura” de sua consciência, que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica” (FREIRE, 2021, p. 79).

caminhos coletivos possíveis (KOROL, 2006, 2019; JARA, 2020).

Evidentemente, o trabalho da Educação Popular está longe de deixar de ser contraditório, sendo um processo que exige reconhecer as limitações do trabalho educativo¹², através de profundo conhecimento da prática e da teoria (e da relação entre ambas) e da constante formulação de novas perguntas e novas saídas. O maior exemplo dessas contradições encontradas em nosso coletivo é exatamente a atividade que nos acompanha desde nosso primeiro ano e que, até hoje, é a que mais exige trabalho diário para poder acontecer todos os sábados, das 7h50 às 19h¹³. Historicamente, essa forma de preparação para o vestibular se baseia em uma dupla função social: (a) preparar estudantes oriundos de um ensino público, não por acaso sucateado, para a realização de provas de ingresso ao ensino superior, sendo consequência disso a desmistificação dos vestibulares e do próprio cotidiano universitário; (b) ser um espaço educacional que promova o pensamento crítico, em busca da transformação da realidade desigual de seu território, sendo com muita frequência o primeiro contato de jovens com a militância política.

O desafio inicial é que o cursinho popular possa ser um espaço que não se associe à repetição exaustiva de processos voltados a decorar conteúdos, refém de uma lógica conteudista ou tecnicista. Isso se dá internamente nas aulas das disciplinas tradicionais requisitadas pelo vestibular, onde as metodologias e conteúdos precisam ser repensados - o que depende de processos formativos que desnaturalizem a forma escolar impregnada em nossas trajetórias e que deem base para formas dialógicas, reflexivas, problematizadoras e emancipatórias, o que é um processo extremamente difícil - e também na construção de momentos que fujam do que é requisitado diretamente por estas avaliações.

No nosso caso, esses últimos momentos se tornam evidentes nas atividades denominadas Paulo Freire e nos Círculos de Pensamento Crítico. Ambas se intercalam quinzenalmente, durante uma hora-aula de um dia do cursinho. As atividades Paulo Freire buscam tanto focar em práticas que possam colocar em xeque a onipresença do trabalho intelectual num ambiente de estudo - práticas corporais, exercícios de respiração, e em afazeres na horta - como também em momentos de exercício da democracia direta dentro do coletivo. A cada, em média, um mês e meio, são realizadas as assembleias, principal espaço de deliberação do coletivo, já que congrega com mais facilidade educadores e educandos do cursinho, sendo que no decorrer do ano os educandos vão se apropriando enquanto os organizadores do processo, numa busca por uma maior horizontalidade. Assim, trata-se de uma maneira de homenagear o educador pernambucano, que tanto se deteve nas aproximações entre a pedagogia, o cotidiano e os processos de reflexão política e de organização. Já os Círculos de Pensamento Crítico são voltados a estimular a reflexão crítica, com temas

¹² “O grande problema do educador não é discutir se a educação pode ou não pode, mas discutir *onde* pode, *como* pode, *com quem* podem, *quando* pode; é reconhecer os limites que sua prática impõe. É perceber que seu trabalho não é individual, é social e se dá na prática social de que ele faz parte. É reconhecer que a educação, não sendo a chave, a alavanca da transformação social, como tanto se vem afirmando, é, porém, indispensável à transformação social” (FREIRE, 2001, p. 98, grifos do autor).

¹³ Durante esse período são realizadas aulas das disciplinas que tradicionalmente caem do vestibular, além de atividades focadas no exercício da corporeidade e da criticidade. Como todas as disciplinas não cabem em apenas um dia, cada uma tem uma frequência quinzenal, com exceção de Matemática, que ocorre semanalmente. Ver horários da turma da sala Frida Kahlo no Quadro 1.

escolhidos tanto por educadores quanto por educandos, que possam problematizar ideais, dinâmicas e acontecimentos naturalizados no dia-a-dia. Nos últimos anos temos tentado utilizar metodologias baseadas nos Círculos de Cultura freirianos¹⁴ para que esses momentos possam problematizar também as concepções de quem é educando e quem é educador durante as discussões.

Assim, tendo em vista apenas os exemplos citados, destacamos que um cursinho popular vai muito além da revisão de conteúdos do Ensino Médio e do ingresso nas universidades. Apesar de seu currículo e parte considerável de suas metodologias estarem intimamente ligadas à educação formal - afinal, é dependente dos formatos e conteúdos presentes nas provas - seus horizontes pedagógicos são ampliados por necessidades e potencialidades para além da forma escolar. Além de exercitar a criticidade, esse formato tem a capacidade de criar um importante espaço de convivência comunitária, de auto organização, de construção política e de trabalho com as subjetividades.

2.2 Autogestão

Quando falamos na *autogestão* de um coletivo de caráter popular estamos retomando o sentido como a palavra foi e é historicamente reivindicada por diversos movimentos de luta anticapitalista, distanciando-a da forma como vem sendo imposto: como um pré-requisito da atual fase neoliberal de radical individualização das desgraças, tal como aparece em propagandas e atrações da mídia hegemônica, no discurso do empresariado e também em programas do Estado.

Nossa autogestão preza pela autonomia ideológica, pela responsabilidade individual mediante às decisões coletivas, pela busca constante pela horizontalização das relações e pela solidariedade tanto interna quanto entre movimentos e organizações sociais. Para isso estabelecemos um cronograma que prevê: a realização semanal de reuniões ordinárias; assembleias periódicas congregando educandos e educadores; reuniões de balanços semestrais; formações regulares (internas e abertas); além da organização do trabalho mais cotidiano através de comissões (atualmente divididas em Comunicação; Financeira; Formação; Espaço; Memória; Pedagógica e Simulados). É previsto a rotatividade de cargos nestas comissões, de modo a fazer com que as funções básicas sejam conhecidas por todos que compõem o coletivo, prezando pelo princípio da transparência.

3 O FLOR DE MAIO E A EXTENSÃO COMUNITÁRIA DA UNICAMP

Entre os anos de 2015 e 2019, o Flor de Maio participou do Projeto de Extensão Comunitária (PEC) da Unicamp, financiamento na época voltado apenas às atividades do cursinho popular. Isso foi possível porque o Flor desde o início foi composto por discentes de diferentes áreas e cursos desta universidade. Vale ressaltar que nos últimos anos, tivemos uma diversificação significativa de seus integrantes: aumento de participação de moradores de Hortolândia e Sumaré, de pessoas de outras instituições de ensino superior, de estudantes do Ensino Médio e também de pessoas de fora do meio acadêmico. Sob coordenação da

¹⁴ Sistematizados por Freire (2021) em *Educação como prática de liberdade*.

professora Carolina Catini, da Faculdade de Educação, foi possível estruturar projetos de extensão anuais que não fossem contrários às diretrizes políticas do coletivo, combinando o financiamento universitário com fontes próprias (obtidas através de feijoadas e outras festas comunitárias). Uma das grandes preocupações do grupo com relação à participação em projetos como este era - e é - a de criar uma dependência do apoio da Unicamp, o que poderia desarticular o coletivo em uma eventual não renovação de algum dos projetos, como ocorreu de 2019 a 2022. Essa é uma inquietação constante e necessária.

Durante esses anos, a principal forma como os recursos da extensão foram utilizados se relacionou diretamente com a permanência dos participantes do Flor em suas atividades regulares. Duas questões foram imprescindíveis: custear o transporte¹⁵ e a alimentação, tanto dos educandos como dos educadores. No caso da alimentação, oferecemos almoço saudável, de qualidade e de forma totalmente gratuita - com opções vegetarianas e veganas -, preparado pelos educadores. Essa atividade contribuiu fortemente para a construção de um ambiente acolhedor e solidário e ampliou o tempo de convivência entre educandos e educadores (fora da imposição direta da hierarquização pressuposta numa sala de aula). Ao final, todos auxiliam com a louça e na limpeza da cozinha.

Com o financiamento do projeto de extensão, também foi possível diversificar o uso de nossos recursos, que antes era todo destinado para garantir condições mínimas de permanência. Essa mudança de cenário foi muito importante no processo de deslocamento de nossas atividades do CAC para a Samest, já que ficamos responsáveis desde o pagamento de parte das contas de água e luz da associação, até a realização de reformas estruturais, que continuam sendo feitas até hoje. Isto porque, a Samest é um espaço muito importante - devido a sua história de luta e organização comunitária dos bairros que ela abrange desde a década de 1980 -, e que sofreu com contínuo isolamento do espaço - fazendo-se cada vez mais ausente do cotidiano dos moradores, restrita ao cuidado de poucos vizinhos e com poucos cursos sendo oferecidos. Neste contexto, a vinda do coletivo contribuiu para que, aos poucos, a associação volte a ser uma referência cultural e organizativa na região.

Participamos da manutenção de grande parte do espaço da associação, sendo que somos responsáveis por duas salas do prédio, uma nomeada em homenagem a Carolina Maria de Jesus, onde funciona a biblioteca, e a outra a Frida Kahlo, que é a sala em que cabe um maior número de estudantes. Nessa configuração, conseguimos em 2017 iniciar o ano com duas turmas do cursinho popular, algo que não era possível no CAC, já cheio de atividades nos finais de semana. Assim, começamos a poder iniciar os anos com mais de 70 educandos nas salas do cursinho.

Talvez a experiência mais enriquecedora nesse sentido foi organizada a partir de uma das maiores dificuldades dos cursinhos populares no geral: a grande evasão que ocorre durante o ano. Ocasionalmente por diversos motivos: a necessidade de se trabalhar aos finais de semana; o cansaço gerado por duas ou três

¹⁵ Hortolândia, que apresenta uma área de 62,146 Km² (IBGE, 2022), tem sua população dependente de um transporte caro e ineficiente, sendo municipal ou intermunicipal, muitos educandos vêm de áreas afastadas, inclusive do Jardim Amanda, maior bairro da cidade, que já foi considerado um dos maiores da América Latina nos anos 80, em extensão e população.

Revista Internacional de Extensão da Unicamp

jornadas de trabalho e estudo diárias; etc. Tendo esse difícil fator em mente e com uma sala disponível ao juntarmos as duas turmas normalmente em junho, após muita discussão interna conseguimos em 2017 e 2018 organizar turmas do pré-vestibular com um ano e meio de duração, voltado preferencialmente a pessoas egressas da escola há vários anos, com uma maior heterogeneidade de idades. Isso se deu também por um crescente número de educadores entrando no coletivo. O dia de atividades do cursinho para a turma iniciada em setembro tinha duas aulas a menos do que a turma iniciada no começo do ano, com outra configuração das atividades. As aulas eram multidisciplinares, relacionadas à divisão da prova do ENEM: Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática. Além destas, havia também Dança, atividades Paulo Freire e Pensamento Crítico, com mais tempo de duração do que as turmas iniciadas no final de fevereiro ou começo de março. Parte das atividades de Pensamento Crítico e Paulo Freire foram realizadas de forma conjunta entre ambas as turmas, possibilitando uma maior integração entre elas. Assim, pudemos ter educandos até a faixa dos 60 anos de idade, incluindo algumas valiosas experiências de mães que dividiram a sala com filhos e filhas. Essa experiência, prejudicada posteriormente por uma menor quantidade de educadores no cursinho popular - principalmente após a pandemia de COVID-19 - gerou ótimos resultados, desde uma significativa menor taxa de evasão, passando por uma maior apropriação do espaço e do coletivo pelas turmas (incluindo as que começavam o ano dividindo sala com quem já estava há seis meses), maior acompanhamento dos conteúdos e disciplinas e um maior engajamento coletivo com relação às discussões e à organização política.

Quadro 1. Horários das duas turmas do cursinho pré-vestibular durante o 2º semestre de 2018

Horários das salas do cursinho pré-vestibular do Flor de Maio - Válido em 2018 a partir de 01/09					
Semana A			Semana B		
Sala	Carolina	Frida	sala	Carolina	Frida
07:50	Matemática	Biologia	07:50	Ciências da Natureza	Física
08:50	Matemática	Biologia	08:50	Ciências da Natureza	Física
09:40	Intervalo		09:40	Intervalo	
10:00	Matemática	Inglês	10:00	Ciências da Natureza	Literatura
10:50	Pensamento Crítico (Roda de Conversa Integrada)		10:50	Dança	Literatura
11:40	Almoço		11:40	Almoço	
12:40	Pensamento Crítico	Redação	12:40	Atividade Paulo Freire	
13:30	Pensamento Crítico	Redação	13:30	Humanidades	História
14:20	Intervalo		14:20	Intervalo	
14:35	Linguagens	Sociologia	14:35	Humanidades	História
15:25	Linguagens	Sociologia	15:25	Humanidades	Geografia
16:15	Linguagens	Matemática	16:15	Humanidades	Geografia
17:05	Intervalo		17:05	Intervalo	
17:20		Matemática	17:20		Química
18:10		Matemática	18:10		Química

Fonte: ata de reunião ordinária de agosto de 2018 do Coletivo de Educação Popular Flor de Maio

Outra experiência valiosa desses anos foi a realização de excursões para a cidade de São Paulo, onde visitamos o Memorial da Resistência, no prédio onde funcionava o antigo Deops-SP (Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo), localizado na Santa Ifigênia, e o Museu Afro Brasil, parte do Parque do Ibirapuera, na Vila Mariana. Seja com o aluguel do ônibus diretamente feito via projeto de extensão, seja no que conseguimos arrecadar por outras fontes, pudemos realizar essas viagens de campo multidisciplinares em 2015, 2017 e 2018, em um dia de maior integração entre educadores, educandos e, por vezes, familiares destes. É comum essa excursão ser para muitos educandos o primeiro contato com a magnitude da cidade de São Paulo e a primeira ida a um museu ou memorial. Esse dia, muito esperado durante o ano, concretiza a busca por construir um cursinho popular fundamentado em uma educação *para além do vestibular*, sendo possível abarcar outras formas de entrar em contato com o que é estudado em sala de aula, desde o trajeto e paisagem da viagem até os espaços visitados. É parte imprescindível na garantia do direito à arte, à cultura e à memória. Principalmente no que tange a memória de lutas contra as violências do racismo e da ditadura - questões urgentes no cenário atual de guinada à direita e de propagação do discurso de ódio que reatualizam e aprofundam nossos traumas e feridas coletivas.

Se pensarmos na função da extensão como uma ponte entre a sociedade no geral e a universidade, podemos refletir sobre vários elementos a partir de nossa experiência. Evidentemente, movimentos e organizações como o Flor de Maio possibilitam uma aproximação, identificação e desmistificação do ambiente universitário, abrindo horizontes de possibilidades para os vestibulandos da região. Processo que ocorre tanto em atividades voltadas para estes fins, quanto nas conversas cotidianas com educandos. E isso partindo desde as informações mais básicas. Afinal, não é raro no primeiro dia de aula do cursinho parte significativa da turma não saber que a Unicamp é uma universidade pública e gratuita, muito menos que há a possibilidade de isenção da taxa de inscrição da Comvest e que existem programas de permanência para discentes. Não se trata de um caso isolado, já que muitas pessoas da RMC conhecem a Unicamp apenas por conta do complexo hospitalar, não sabendo do restante de suas atividades, apesar das campanhas de divulgação do vestibular realizadas pela universidade. Assim, entendemos que a presença das instituições de ensino superior no cotidiano da sociedade através de uma certa forma de exercer a extensão - não colonizadora - é um pilar fundamental para a organicidade da relação entre os espaços de dentro e fora do meio acadêmico. Os cursinhos populares, enquanto organizações que tentam democratizar a universidade que permanece com fortes traços de elitismo, é uma das possibilidades nesse sentido.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com a crítica realizada por Paulo Freire (1985) ao termo *extensão*, que remete ao ato de estender um conhecimento para alguém, denotando uma interação antidualógica, paternalista e, em boa medida, autoritária. Acreditamos que dentro de uma perspectiva que se fundamenta na Educação Popular, uma educação problematizadora busca estar enraizada na relação dialógica entre educadores e educandos e, também, entre saberes científicos e saberes constituídos na cultura popular (JARA, 2020). Assim, as

práticas de extensão perdem seu potencial democratizante e enquanto prática de liberdade quando se instituem uma via de mão única em que os conhecimentos acadêmicos são mecanicamente trazidos à comunidade externa ao campus universitário, num processo com resquícios de uma lógica colonizadora. Esse é um grande obstáculo do processo educativo, especialmente quando se trata de um projeto que dialoga com a educação formal, caso dos cursinhos populares. Nos parece que o esforço também está na compreensão de que o conhecimento acadêmico não se basta e de que a universidade precisa dos conhecimentos populares.

Construir uma efetiva *comunicação*¹⁶ entre a universidade e a sociedade para além de seus próprios muros depende de conceber espaços em que ambos conhecimentos estejam efetivamente presentes e em diálogo, buscando construções possíveis de vínculos sadios a partir destas interlocuções. Também depende de que a cultura popular encontre atalhos de entrada para o meio universitário. No nosso caso, esse acesso pode se dar: na entrada de educandos no ensino superior; em pesquisas de estudantes universitários a partir de suas experiências práticas e/ou reflexões teóricas sobre as categorias mais presentes no cotidiano da Educação Popular; em estágios de disciplinas- como vem acontecendo no Flor de Maio com relação a estudantes de licenciaturas, especialmente da Pedagogia da Unicamp, que possuem a disciplina obrigatória de Estágio em Educação Não Formal, comumente ministrada nos últimos anos pela professora Carolina Catini; na organização e participação em atividades do pré-vestibular na própria Unicamp - como no caso de algumas feijoadas que fizemos na Moradia Estudantil ou com a presença anual no UPA - Unicamp de Portas Abertas - (que não podia se restringir a um único dia de entrada da comunidade exterior nos institutos e faculdades da instituição); e na organização de uma frente de cursinhos populares que construam pautas e que reivindiquem a democratização radical da universidade.

Por esses pontos de acesso, o conhecimento universitário é ventilado por saberes e visões de mundo distintas das hegemônicas em seu interior. Ademais, como já pontuado, as atividades pedagógicas realizadas por discentes da Unicamp no cursinho popular do Flor de Maio - seja ocupando a posição de educadores, estagiários ou mesmo quando enquanto educandos de alguma atividade - são uma forma de contato direto com a formação docente em todos seus desafios, especialmente por serem construídos a partir dessa relação dialógica proposta pelo coletivo. Isso se dá especialmente pelo caráter coletivo das atividades, congregando educadores com mais ou menos experiência, elaborando práticas de forma conjunta. Vale ressaltar que as disciplinas do cursinho pré-vestibular são compostas por mais de um educador, por vezes toda uma equipe multidisciplinar de 4 ou 5 integrantes, que com frequência contam com mais de uma pessoa em sala de aula. Além disso, a experiência no Flor de Maio possibilita não só integrar-se pelas práticas nas aulas, mas também pela participação nos processos de autogestão, passando desde da construção de simulados abertos aos mutirões de reforma e limpeza.

Como havíamos comentado anteriormente, os cursinhos populares enquanto movimentos políticos

¹⁶ “[...] Extensão ou Comunicação?, respondamos negativamente à extensão e afirmativamente à comunicação” (FREIRE, 1985, p. 50).

trabalham historicamente tanto com um aspecto mais compensatório - de preparação de estudantes das classes populares para a realização de vestibulares -, quanto com diferentes projetos para fomentar o exercício da criticidade voltada à construção de um mundo mais digno. Entendemos que, para além desses pontos, potencialmente também é possível serem espaços: que permitam outras subjetividades, a partir do exercício de relações para além das lógicas de mercado; que propiciem um aquilombamento no interior do espaço urbano (ou mesmo rural), um ambiente contra hegemônico de referência naquele território; e, aliado a isso, que possam ser dinamizadores da organização coletiva, não apenas dentro de suas próprias experiências, mas também que educandos e educadores possam criar e/ou participar de outras formas de organização política com teor emancipatório. No Flor de Maio, a possibilidade de termos educadores de atividades regulares que são atualmente também educandos ou então ex-educandos que regressam após outras experiências, inclusive a universitária, dá uma dimensão dessa potencialidade que entendemos que precisa ser estimulada e legitimada.

A perspectiva de Educação Popular potencialmente tem uma grande contribuição na relação entre a universidade e a comunidade, na defesa de uma prática extensionista que seja na verdade comunicação, fundamentalmente prática da liberdade. Para construir uma universidade que pratique a liberdade não em seu sentido neoliberal - da liberdade das grandes empresas, do mercado - mas refletindo um projeto popular que a integre ao restante da sociedade e não seja uma bolha neste meio. Afinal, onde aprendemos a exercer efetivamente a democracia em uma sociedade de tradição autoritária? De modo espontâneo? Em uma escola autoritária? (FREIRE, 1985; 2021). Além do mais, no mundo neoliberal a educação é forçada a ser reduzida ao *treino* e *adestramento* dos estudantes, voltados a uma ética do mercado, que, como afirmara Paulo Freire (2001), é mesquinha. Romper com esse paradigma é indispensável em qualquer projeto de democratização e emancipação.

Estamos num evidente processo de aprofundamento da *educação bancária*¹⁷, que cada vez mais vai deixando de ser uma metáfora do processo tradicional e autoritário da educação formal, ganhando progressivamente tons literais na atual conjuntura (CATINI, 2021), principalmente com a Reforma do Ensino Médio, com o sucateamento das universidades e institutos federais nos últimos anos, com a militarização das escolas e com o processo de transição forçada de toda rede escolar de São Paulo para o ensino integral - que expulsa os jovens que precisam trabalhar e favorecem ainda mais a entrada das grandes corporações no interior das grades escolares. Assim, nesse período histórico que vivemos, uma das maiores dificuldades no campo do ensino é a convivência com uma realidade social que cada vez mais vai distanciando os jovens periféricos do sonho de cursar a universidade pública, tanto por motivos materiais como também subjetivos. E lembremos que nos cursinhos populares, trabalhamos com os “sobreviventes” do ensino público. Sabendo das limitações e das potencialidades destes movimentos e também os da extensão universitária, como podemos articular a construção de um cenário que amplie radicalmente nosso atual horizonte de

¹⁷ Como em *A Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2014).

possibilidades? A partir do que vemos de nossa experiência, o campo da Educação Popular - seja em sua memória ou em experiências atuais - parecem conseguir formular indicações de possíveis rumos.

REFERÊNCIAS

Andrade, C.D. (2000). *A Rosa do Povo*. 21ª ed., Rio de Janeiro: Editora Record.

Anunciação, S. (2013). Intensificação de movimento pendular agrava desarranjo espacial na macrometrópole de SP. In: Johansen, I. Edição do Jornal da Unicamp traz três reportagens da Demografia. *Demografia Unicamp: blog dos estudantes*. Disponível em: <https://demografiaunicamp.wordpress.com/2013/12/11/edicao-do-jornal-da-unicamp-com-tres-reportagens-da-demografia/>. Acesso em 04 de abril de 2023.

Catini, C.R. (2021). A educação bancária, “com um Itaú de vantagens”. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v.13, n.1, p. 90-118, abril.

Esquerda Diário - Redação (2017). CAC HORTOLÂNDIA | Carta aberta aos frequentadores do Centro de Arte e Cultura de Hortolândia. *Esquerda Diário*. Disponível em: <https://esquerdadiario.com.br/Carta-aberta-aos-frequentadores-do-Centro-de-Arte-e-Cultura-de-Hortolandia>. Acesso em 08 de abril de 2023.

Felício, E. (2021). Sankara e Sawadogo: agroecologia e revolução. *Teia dos Povos*. Disponível em: <https://teiadospovos.org/sankara-e-sawadogo-agroecologia-e-revolucao/>. Acesso em 09 de abril de 2023.

Freire, P. (1985). *Comunicação ou Extensão*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 65 p. v. 24. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em 20 de março de 2023.

Freire, P. (2001). *Pedagogia dos sonhos possíveis* / Paulo Freire; Ana Maria Araújo Freire organizadora. - São Paulo: Editora UNESP.

Freire, P. (2014). *Pedagogia do oprimido* (56 ed. rev. e atual.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Freire, P. (2021). *Educação como prática de liberdade* / Paulo Freire – 50ª ed. – São Paulo: Paz e Terra.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). Cidades e Estados: Hortolândia (SP). *IBGE*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/hortolandia.html>. Acesso em 04 de abril de 2023.

Jara, O. (1984). *Los desafios de la educacion popular*. San Jose: Centro de Estudios y Publicaciones Alforja.

Jara, O. (1994). *Para sistematizar experiencias: una propuesta teórica y práctica* / Oscar Jara H. -- 1. ed. -- San José, Costa Rica: Centro de Estudios y Publicaciones, ALFORJA.

Jara, O. (2020). *La educación popular latinoamericana: historia y claves éticas, políticas y pedagógicas*. Santiago de Chile, Colectivo Caracol – El apañe de los piños, Editorial Quimantú.

Korol, C. (2006) Educación Como Acción Cultural Para La Libertad. Em Claudia Korol, *Caleidoscopios de Rebeldías*. Argentina, Ediciones America Libre.

Korol, C. (2019). La Educación Popular en clave de debate. *El Viejo Topo*. Disponível em: <https://www.elviejotopo.com/topoexpress/la-educacion-popular-en-clave-de-debate/>. Acesso em 03 de abril de 2023.

Lopes, G.E. (2015). *Memória em construção: Hortolândia e sua gente em narrativas e imagens* / Gustavo Esteves Lopes. - 1. ed. - Americana, SP: Adonis. Disponível em: https://mapadacultura.hortolandia.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/Memoria_em_construcao_Hortolandia_e_sua.pdf. Acesso em 04 de abril de 2023.

Porto, G. & Scinocca, A.P. (1999). Violência no interior: Sumaré é a 21ª mais violenta do Estado e tem 3,5 vezes mais mortes que Americana. *Folha Campinas*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/campinas/cm1710199901.htm>. Acesso em 04 de abril de 2023.

Torres, R.M. (1988). Intervenção de Rosa Maria Torres. Em: Pinto, J.B.. *A questão do conhecimento e do poder na educação popular*. Coautoria de Rosa Maria Torres, Orlando Fals Borda. Ijuí, RS: Editora Unijuí.

TV Hortolândia (2017). Confusão em reintegração de posse de prédio público em Hortolândia. *Portal Hortolândia*. Disponível em: <https://portalhortolandia.com.br/noticias/tv-hortolandia/confusao-em-reintegracao-de-posse-de-predio-publico-em-hortolandia-36007/>. Acesso em 08 de abril de 2023.

Varani, A.C.S. (2015). *Cursinho alternativo Herbert de Souza: história e luta* / Anna Cláudia Sales Varani. - Orientadora: Carolina de Roig Catini. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP: [s.n].

Vega, M. (2022). “Educação e a memória são o que vai fortalecer essa luta”: Entrevista com Marisol Vega sobre as lutas no Chile após a explosão social de 2019. Entrevista por Coletivo de Educação Popular Flor de Maio. *Repórter Popular*. Disponível em: <https://reporterpopular.com.br/educacao-e-a-memoria-sao-o-que-vai-fortalecer-essa-luta/>. Acesso em 10 de abril de 2023.

Artigo submetido ao sistema de similaridade